

O Feminino na Capoeira: vivências e experiências na capoeira angola paraense

Lo Femenino en la Capoeira: experiencias y experiencias en capoeira angola paraense

The Feminine in Capoeira: experiences and experiences in capoeira angola paraense

Maria Adriele Silva Souza

Luiz Augusto Pinheiro Leal

Resumo: Este artigo tem a intenção de abordar discussões sobre o feminino na capoeira, fazendo um diálogo pautado nas experiências femininas na capoeira paraense e a (re)construção da história das mulheres, tendo em vista que as mulheres estiveram silenciadas na história por muitos séculos e, atualmente, elas estão cada vez mais visíveis nos espaços de capoeira. As mesmas continuam resistindo e lutando para o seu fortalecimento enquanto mulheres capoeiras na sociedade que ainda carrega consigo estruturas patriarcais de controle e violência.

Palavras Chave: Capoeira. Mulheres. Gênero.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar las discusiones sobre lo femenino en la capoeira, haciendo un diálogo basado en las experiencias femininas en la capoeira paraense y la (re) construcción de la historia de las mujeres. Ya que las mujeres han sido silenciadas en la historia durante muchos siglos y hoy en día son cada vez más visibles en los espacios de capoeira. Continúan resistiendo y luchando por su fortalecimiento como mujeres capoeira, en una sociedad que aún lleva consigo estructuras patriarcales de control y violencia.

Palabras Claves: Capoeira. Mujeres. Género.

Abstract: This article aims to address discussions about the feminine in capoeira, making a dialogue based on the female experiences in capoeira paraense and the (re) construction of the history of women. Since women have been silenced in history for many centuries and today they are increasingly visible in capoeira spaces. They continue to resist and fight for their strengthening as capoeira women, in a society that still carries patriarchal structures of control and violence.

Key-words: Capoeira. Women. Gender.

Maria Adriele Silva Souza – Graduanda em História pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Membro do Grupo de pesquisa História em Campo – GHISCAM. E-mail: adrielesouza305@gmail.com

Luiz Augusto Pinheiro Leal – Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor Associado da Universidade Federal do Pará – UFPA. Contramestre do Malungo Centro de Capoeira Angola e Coordenador do Grupo de pesquisa História em Campo – GHISCAM. E-mail: augustoleal@ufpa.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da minha participação, como bolsista, no projeto de extensão “Dikanza, urucungo e capoeira: o ensino de histórias e culturas africanas em comunidades escolares e tradicionais”, coordenado pelo Professor Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal. Minha participação se deu através do desenvolvimento do plano de trabalho intitulado “O feminino e a capoeira: questões de gênero no ensino de histórias e culturas africanas em espaços de saber”, que trata de práticas de ensino de história e cultura africana através da capoeira angola. O recorte temático voltado para as questões relacionadas ao gênero feminino, dentro dos espaços de capoeira, se justifica pelo fato das mulheres terem sido excluídas das páginas da história, e mesmo dos espaços de prática da capoeira, até pouco tempo atrás. Michelle Perrot (2019) nos fala do silenciamento na historiografia no que se refere ao feminino: “as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se fossem destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento.” (PERROT, 2009, p.16). Como afirma a autora, as mulheres estariam “confinadas no silêncio de um mar abissal.” (p.16). Isso se dá principalmente pela lógica do patriarcado que está enraizado nas sociedades.

O objetivo do projeto, de modo geral, era promover o ensino de história e cultura africana através dos elementos constituidores da capoeira angola, prática cultural de matriz africana no Brasil. Como objetivos específicos, a intenção era contribuir para a propagação de conhecimentos relacionados às culturas africanas em diversos espaços de saber; gerar discussões que levassem à valorização cultural das matrizes africanas em escolas ou comunidades; evidenciar a participação e contribuição das mulheres nos espaços de capoeira e em outros saberes culturais; despertar o interesse da comunidade para o debate sobre as questões de gênero, identidade e capoeira.

As atividades realizadas através do plano de trabalho foram, principalmente, leituras especializadas, treinos de capoeira angola, acompanhamento de *lives* direcionadas ao tema da abordagem; participação em eventos acadêmicos e de capoeira. Devido ainda estarmos vivenciando um contexto pandêmico, algumas atividades de campo que estavam previstas não foram executadas. No entanto, com os devidos cuidados, foi possível participar de algumas atividades presenciais de formação, especialmente nas cidades de Abaetetuba e Bragança.

1. Ser Mulher na Capoeira

Inicialmente, quero situar os leitores e leitoras que o Malungo Centro de Capoeira Angola é um grupo de capoeira angola que está presente nos estados da Bahia e no Pará. No Pará, o Malungo está distribuído em coletivos em algumas cidades, como Abaetetuba, Belém, Bragança, Cametá e Goianésia, e tem como formadores o Mestre Bel, o Contramestre Augusto Leal e as Treinelas Lira e Darcica. Ressalto que atualmente faço parte do Grupo de Capoeira Malungo Centro de Capoeira Angola. Visando compreender o nível de envolvimento com o mesmo, cabe contar um pouco de como conheci o grupo.

Em outubro de 2019, o professor Augusto Leal, responsável pelo projeto de extensão do qual faço parte, estava na cidade de Abaetetuba. Na ocasião, ele presidia bancas de defesas de trabalhos de conclusão do curso de História, no Campus da Universidade Federal do Pará. Como o professor também é angoleiro (praticante de capoeira angola) e contramestre do Ma-

lungo, ele organizou uma formação para os aprendizes daquela cidade. Ao me conhecer, fez o convite a mim e mais um colega para conhecermos o universo da capoeira angola. O convite prontamente foi aceito, então fomos visitar o espaço de formação em que ele estava ministrando formação. O ápice desse encontro foi a oportunidade de realizarmos uma oficina em um terreiro próximo ao Campus da UFPA. Terreiro da finada mãe Joana.

No terreiro, estavam presentes estudantes de história, capoeiras do grupo e membros da comunidade afro-religiosa, assim como crianças e idosos que estavam também participando das atividades (ver Imagem I). Foi meu primeiro contato com a capoeira angola. No espaço do terreiro, com todos os paramentos e representações, o contramestre organizou instrumentos e pessoas para treino. Houve um bom entrosamento entre os tocadores tradicionais do terreiro e os capoeiristas. O encontro acabou culminando em uma roda (elemento de culminância para a prática da capoeira).

Imagem I – Entrosamento para a roda de capoeira



Fonte: Acervo Malungo Centro de Capoeira Angola

Naquele momento, eu participei tanto do treino como da roda. No treino (Imagem II), observei que o corpo, independente do gênero, se constitui em elemento de identidade coletiva. Os corpos existem em interação uns com os outros. A capoeira exige a interação coletiva e o contato com o espaço sagrado do chão do terreiro. Chão que é o espaço de maior segurança para o praticante da capoeira. A angoleira joga próximo ao chão, ensinava o contramestre. Eu me entreguei aos movimentos, à musicalidade e às ações coletivas. De repente, eu já estava ao pé do berimbau, pronta pra jogar com um capoeira mais experiente (ver Imagem III). Foi meu primeiro contato direto com a experiência da capoeira angola. Senti o corpo depois, mas notei que a prática não era coisa de outro mundo. Eu também poderia participar e havia sintonia. No entanto, algumas situações pessoais ocorreram depois, bem como a pandemia da COVID-19, e isso contribuiu para o meu distanciamento e conseqüente desinteresse em relação àquela prática.

Imagem II – Treino de capoeira angola

Fonte: Acervo Malungo Centro de Capoeira Angola

No ano de 2021, como estudante de história na cidade de Capanema, Núcleo do Campus Universitário de Bragança da UFPA, tive a oportunidade de me reencontrar com o professor Augusto e, por extensão, a prática da capoeira. O professor estava ministrando uma disciplina na cidade e convidou estudantes de história para participar de seu projeto de extensão “Dikanza, urucungo e capoeira: o ensino de histórias e culturas africanas em comunidades escolares e tradicionais”. Foi aí que surgiu a oportunidade de, além de poder pesquisar a história da capoeira, poder aprender um pouco mais sobre sua prática. Ao ser aprovada na seleção de bolsista, pude praticar e vivenciar a capoeira angola, o que é essencial para o desenvolvimento metodológico dessa pesquisa. É o conhecimento sobre capoeira angola que dá base para a compreensão dos usos de seus instrumentos como recursos para o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana.

Imagem III – Ao pé do berimbau, a primeira roda

Fonte: Acervo Malungo Centro de Capoeira Angola

Os instrumentos musicais são elementos fundamentais na capoeira, tendo em vista que a capoeira é formada por um conjunto de elementos que estão em sintonia. Durante as vivências de pesquisa, pude trabalhar no preparo da matéria prima, confecção de instrumentos e a experiência

de tocar todos os instrumentos que formam a bateria do Malungo (Imagem IV). Bateria é o conjunto musical que dá base para o jogo de capoeira angola. No Malungo, a bateria é composta por oito instrumentos: três berimbaus (berra boi, gunga médio e viola), dois pandeiros, um agogô, um reco-reco e um atabaque.

Imagem IV – Contramestre e eu descascando ouriços de castanha



Fonte: Acervo Malungo centro de Capoeira Angola

Como pode ver na imagem IV, o ouriço, que está na parte superior, é ideal para usar na confecção do instrumento. Podemos ver na imagem acima o momento em que eu e contramestre estamos trabalhando no processo de descasque do ouriço, para retirar a casca e o pó que envolve a caixa da castanha, no lado direito da imagem, no canto inferior é possível perceber alguns ouriços já descascados. Esses ouriços serão utilizados para a confecção do agogô, um instrumento de base utilizado na capoeira.

Imagem V – Contramestre e eu na preparação do bambu



Fonte: Acervo Malungo Centro de Capoeira Angola

Na imagem V, eu e o contramestre Leal estávamos preparando o bambu para a confecção da Dikanza, instrumento de matriz africana, e no Brasil, na versão reduzida em termos de comprimento, é conhecido como reco-reco. Cabe aqui mencionar uma vivência que tive com o colega Wesley do Malungo de confeccionar um reco-reco, que é a versão brasileira da dikanza. A princípio, eu fui a instrutora por ter iniciado a confecção de uma dikanza com o contramestre Leal; desta forma, eu repassei os conhecimentos adquiridos com o contramestre para o meu colega.

Imagem VI – Reco-reco em processo de construção



Fonte: Arquivo Pessoal

Como podemos ver na imagem VI, nos bambus em processo de confecção para futuramente tornarem-se um instrumento musical, o primeiro está com os “dentes” incompletos, o segundo está com os cortes completos e, ao lado, encontra-se uma vara de bambu para a confecção de uma dikanza. A participação nas atividades de confecção de instrumentos foi fundamental para que eu pudesse compreender parte do processo de elaboração dos instrumentos musicais da capoeira angola. Contudo, o aprendizado iria se ampliar ainda mais na sequência da minha formação e na oportunidade de encontrar outras mulheres capoeiristas.

Com o objetivo de observar a participação das mulheres nos espaços de capoeira, acompanhei alguns eventos de capoeira visando obter dados e fontes para esta pesquisa. Os eventos foram: “Berimbau bateu, capoeira sou eu: Vivência de capoeira na Comunidade Rural Colônia Nova - Abaetetuba/PA” realizado pelo Malungo Centro de Capoeira Angola, através do Coletivo de Abaetetuba/PA, sob organização da monitora Lucenilda Passos; “Capoeira em Comunidade de Re-existência: Salvaguarda e LGBTQIA+ de Braços Dados”, também foi realizado pelo Malungo, através do Coletivo de Bragança, sob organização da treinela Lira Meneses; “II Encontro de Formação do Coletivo de Mulheres Bando da Brava”, evento realizado pelo Coletivo de mulheres do Malungo, o Bando da Brava, sob orientação da treinela Lira; e o evento “A Mulher e a Ginga”, que foi organizado pelo Grupo de Capoeira Regional Muzenza de Capoeira, sob organização da graduada Nilvane Martins e formanda Maria Vitória.

O destaque dado a estes eventos se justifica, principalmente, por terem sido organizados por

mulheres capoeiras. Os mesmos foram realizados de forma virtual, pelas plataformas *Google Meet* e *YouTube*, devido ao contexto de crise sanitária causada pelo Coronavírus. Salvo o último evento respectivamente, que foi realizado de maneira presencial na Comunidade do Massarico, na cidade de Bragança/PA.

O primeiro evento foi realizado a partir da aprovação da Lei Aldir Blanc Pará. A lei Aldir Blanc consiste em um fundo emergencial para o setor cultural e tem como objetivo auxiliar os trabalhadores e trabalhadoras culturais e também os espaços de Cultura. Foi organizado pela monitora Lucenilda Passos do Coletivo Malungo Centro de Capoeira Angola-Abaetetuba/Pa. O evento teve uma programação muito rica, contando com apoio e participação dos integrantes do Malungo-PA. A programação foi diversificada, tendo como elementos principais a movimentação, a musicalidade e roda de conversa. No decorrer de uma das oficinas de movimentação corporal que foi realizada no evento, a monitora Dadá, também do Malungo-PA, ressaltou que a capoeira não é somente movimentação, é uma sintonia entre movimentação, musicalidade, oralidade, etc. Desta forma, Dos Santos e Machado (2015) nos falam que a capoeira, em sua dimensão educativa, ensina a refletir as formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Assim podemos perceber que a prática da capoeira com seus diversos elementos constitutivos transforma as pessoas, seja nas rodas ou no meio social de modo geral.

As falas do Contramestre foram de suma importância para que possamos compreender a história da capoeira angola no contexto paraense, mesmo que ainda seja pouco conhecida. O formador ressaltou em sua fala que “a capoeira não é fruto da experiência de africanos no Brasil em condições de escravidão... foi a vontade de viver livre.”¹. Essa frase é importante para que possamos desconstruir a ideia de que a capoeira é fruto da escravidão.

Assim como as discussões sobre a capoeira paraense, a presença feminina também é pouco discutida. Nota-se que, na maioria das vezes, as mulheres aparecem como curiosidade. Contudo, ressalto que as mesmas devem ser apresentadas e vistas como agentes sociais. Segundo Oliveira e Leal (2009), o corpo feminino sempre foi fonte de inspiração para o mundo artístico, mas, ao longo dos séculos, foram criados discursos os quais buscavam controlar a gestualidade dos corpos. No entanto, na capoeira, o corpo das mulheres é fonte de empoderamento e símbolo de resistência contra o sistema patriarcal. Conforme Morgante e Nader (2014, p. 8 apud SILVA, 2021, p. 34), “o conceito patriarcalizado permite visualizar estes dois âmbitos, a dominação e a exploração das mulheres, que estão estreitamente interligados”.

Ao que diz respeito aos corpos femininos nos espaços de capoeira, Santos (2015) nos diz:

no espaço da capoeira as mulheres podem ser conhecer, se reconhecer, se afirmar positivamente e trocar não só receita de bolo, mas também análises e reflexões permitindo-se entre si a exposição das suas críticas à realidade e preconceitos, discriminações e estereótipos que geram as desigualdades. (SANTOS, 2015, p. 7)

O evento foi de suma importância para pensarmos a capoeira não apenas como prática de arte-luta, mas também, como diz mestre Bel, refletirmos a capoeira angola como um conjunto de saberes. O evento nos mostra a importância de levar a capoeira para as comunidades de maneira geral, para que as pessoas possam conhecer essa prática que é fonte de conhecimento e ancestralidade das culturas africanas e afro-brasileiras.

¹Fala do Contramestre Augusto Leal, fornecida ao evento “Berimbau bateu, capoeira sou eu”: vivência de capoeira na comunidade da Colônia Nova - Abaetetuba/PA, no dia 22/04/21.

Desta forma, Ferreira (2016) nos fala que,

A Capoeira é uma arte, uma dança, uma filosofia, em que o capoeirista expressa suas vontades, anseios e por menor que seja, no cotidiano são muitas vezes reprimido e que nessa prática, o da capoeira, dentro da roda, ou simplesmente olhando-a, este, consegue se desvincular do mundo e adentrar em uma outra dimensão. (FERREIRA, 2016, p. 11)

Como podemos perceber, a capoeira está além dos seus vínculos com a luta. Está entrelaçada aos ensinamentos ancestrais, à musicalidade, à gestualidade, à oralidade, etc., o que nos permite conhecer diversas histórias que nos foram deixadas pela diáspora africana.

O segundo evento, *Capoeira em Comunidade de Re-existência: Salvaguarda e LGBTQIA+ de Braços Dados*, também foi aprovado pela Lei Aldir Blanc Pará, e foi organizado pela Treinela Lira Meneses, do Malungo Centro de Capoeira Angola, onde a mesma é responsável pelo coletivo de Bragança e Belém, no Pará. O mesmo foi realizado através do YouTube, e teve o seu encerramento de forma presencial na Escola Bolivar Bordallo da Silva, na cidade de Bragança. A programação presencial contou com duas oficinas: uma de musicalidade, com o título “Musicalidade de Capoeira Angola como Recurso de Afirmção de Identidade e Oralidade”, ministrada pelo contramestre Augusto Leal (Malungo Centro de Capoeira Angola); a outra oficina foi ministrada pela treinela Lira Meneses (Malungo centro de Capoeira Angola), intitulada “Movimentação de Capoeira: Comunicações Corporais como elementos de Identidade”.

Este evento contou com uma programação cheia de conversas ricas para discutir tabus em torno da comunidade LGBTQIA+. Em um dos diálogos, foi debatido como os grupos de capoeira podem ser mais acolhedores em relação ao gênero e sexualidade. Os diálogos gerados nos permitem reflexões sobre o quanto o machismo está nos espaços sociais e na capoeira não é diferente. Sendo assim, há uma necessidade de problematizar o machismo e o preconceito com os corpos.

A capoeira se expressa principalmente através dos corpos, e de forma múltipla, contemplando a movimentação, a musicalidade, etc. D’ Amorim e Atil (2007) nos fazem refletir sobre o corpo na prática da capoeira, vejamos,

A capoeira se realiza com o corpo e necessita dos movimentos do corpo para se expressar. É o corpo que se expressa musicalmente, é o corpo que necessita ter coordenação motora para encontrar os espaços corretos e adequados, é o corpo que fala oralmente da maneira mais correta, verbalizando conhecimentos e sentimentos. Mas é também o corpo que expressa em uma linguagem gestual que é musicalidade, que é espacialidade tradutora de sentimentos interiorizados. É o corpo que realiza interfaces que são fragmentos de musicalidade, fragmentos de espacialidade, fragmento de matemática, um entrando no e criando esse espaço que chamamos justamente de interface [...]. Na ginga, é o corpo que sente e expressa música, de maneira matemática, em uma espacialidade própria e em uma linguagem de gestos e expressões (D’AMORIM; ATIL, 2007, p.73 Apud FERREIRA, 2016, p. 32).

Sendo assim, o corpo agrega todas as expressões culturais, religiosas e culturais que a capoeira nos transmite. Desta maneira, “o corpo no movimento da capoeira, possui uma dinâmica própria de ludicidade” (OLIVEIRA e LEAL, 2009, 161).

O evento de forma geral proporcionou debates de extrema importância. Discutir gênero e sexualidade é essencial não só nos espaços de capoeira, mas na sociedade como um todo, para desconstruir tabus que estão ligados a essa temática. As rodas de conversas e as oficinas trouxeram relatos que fazem com que nós repensemos nossa trajetória como pessoa. E como foi mencionado em umas das falas dos participantes, não é preciso que sejamos LGBT para lutar por direitos e respeito. Em suma, sua importância é promover o diálogo para construir e contribuir na afirmação da identidade de cada ser.

O terceiro evento foi o **II Encontro de Formação do Coletivo de Mulheres Bando da Brava**². O evento das Bravas teve como título trecho de uma fonte analisada pela pesquisadora Lucenilda Passos em seu trabalho de conclusão de curso (TCC), que diz: “Tão pernicioso quanto os capoeiras³”. O evento foi restrito para as meninas do coletivo e teve duração de dois dias (17 e 18 de julho) de diálogos entre elas e os convidados que estiveram colaborando, e foi realizado pela plataforma do *Google Meet*. Saliento que o evento das Bravas foi uma ação pertinente ao plano de trabalho em questão, por conta das discussões realizadas durante esses dois dias, principalmente para o ensino de uma das culturas africanas através das vivências da prática da capoeira e como ação metodológica para obtenção de dados para a elaboração dos resultados desse projeto.

A programação foi rica em diálogos e práticas que foram pensados nas dificuldades elencadas pelas mulheres do Bando. Desta forma, os diálogos foram necessários e essenciais para que saibamos sempre que podemos (me incluo por estar fazendo parte do Coletivo do Malungo e do Bando da Brava atualmente) estar em qualquer posição na capoeira, seja na bateria ou em roda para jogo. Ao longo dos séculos, as mulheres foram silenciadas da história e isso reflete negativamente na vida delas, e a capoeira permite que essas mulheres construam e reconstruam suas histórias. Perrot (2019) nos mostra em seus escritos o quanto as mulheres foram silenciadas e excluídas da história e da sua própria história.

Tendo em vista que as mulheres foram silenciadas ao longo dos séculos, suas narrativas, seus feitos foram apagados da história e isso influenciou e influencia na busca de inclusão da mulher enquanto agente histórico e protagonista nos feitos e nas lutas que foram invisibilizadas. Além desse silenciamento, tem-se ainda o fator de que elas sempre têm que provar para o sexo oposto que sabe fazer uma determinada movimentação ou tocar um berimbau. Cito o berimbau por ser um instrumento de poder em uma roda de capoeira e muitas vezes as mulheres são testadas se conseguem segurar o berimbau, se sabem armar e desarmar tal instrumento.

Diversos discursos misóginos e machistas foram e ainda continuam sendo direcionados às mulheres, sobretudo às mulheres capoeiras. Dessa forma, percebemos que há uma grande necessidade de discutir sobre o silenciamento das mulheres.

Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estavam sozinhas, ele envolve um continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (PERROT, 2017, p.16).

Desta forma, o espaço reservado para essas mulheres dialogarem é essencial para entenderem as suas dificuldades e saber que podem contar com o apoio das manas do grupo; é se sentir abraçada quando um olhar virado for direcionado a determinada pessoa, é defender a mana, então

² Coletivo de mulheres do Malungo Centro de Capoeira Angola.

³ Trata-se de um artigo do Jornal A República, 11 de setembro de 1890, p. 01.

esse espaço é de suma importância para o coletivo fortalecer os laços de irmandade. Podemos observar esse laço afetivo na fala da treinela Lira,

ser malunga, ser bando, é ser coletivo, é ser irmã, é se entender nas suas dificuldades. [...]ser malunga é isso, é ser grande no sentido não de ser melhor do que a outra, do que o outro, não, é entender que a gente precisa se encontrar, se entender enquanto sujeito mulher, mulher angoleira, porque esse é o laço que nos une. (Informação verbal)⁴

Além de diálogos em torno da questão do feminino, houve conversas sobre musicalidade, um dos aspectos essenciais da capoeira. A musicalidade na capoeira é um elemento que resgata as memórias através das letras que são produzidas, no qual valoriza a história oral. Segundo Abib (2017):

As músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimo no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuamos antepassados, seus efeitos heroicos, seus exemplos de conduto, fatos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras, o passado de dor e sofrimento do tempo da escravidão, as estratégias e astúcias presentes nesse universo, assim como também as mensagens cifradas que exigem uma certa “iniciação” para poderem ser compreendida. (ABIB, 2017, p. 98)

Podemos perceber que a capoeira angola é mais que movimentações e jogo, é um conjunto de elementos que constroem a prática. São várias as motivações para criar um corrido⁵, uma ladainha⁶, como nos diz Abib (2017), são memórias sobre os antepassados, são feitos heroicos, são rotinas cotidianas, dentre outras.

O quarto e último evento “a Mulher e a Ginga”, foi realizado de modo presencial no interior da cidade de Bragança/PA. O mesmo foi o encerramento de um conjunto de atividades que já estavam sendo realizadas pelo grupo de Capoeira Regional Muzenza de Capoeira, e estava sob coordenação de duas mulheres, sendo elas Nilvane de Sousa Martins, conhecida na capoeira como graduada Vane, e por Maria Vitoria Botelho, na capoeira é conhecida como Pitchulinha. Ressalto que o evento foi realizado a partir da aprovação da Lei Aldir Blanc Pará.

O evento teve importantes diálogos, assim como os anteriores, buscando enfatizar a importância do feminino nos espaços de capoeira, sobretudo na posição de coordenação de eventos. Durante uma das programações, houve um diálogo sobre a diferença entre os elementos da capoeira regional e da capoeira angola, tal como a ordem dos cantos. Na capoeira regional, a musicalidade inicia-se com a quadra, que são versos rápidos que dão introdução para sair para jogo; enquanto na capoeira angola, se inicia com a ladainha, que segundo Fonseca (2018) “são as músicas mais importantes e tradicionais, cantadas por mestres ou pelos mais velhos, são fundamentais para abrir a roda, ou seja, a primeira coisa que se canta é a ladainha” (p. 166). Adiante, a louvação e o corrido seguem a mesma ordem tanto na capoeira regional, quanto na capoeira angola.

⁴Fala da treinela Lira, fornecida ao *II encontro de formação do Bando da Brava*, em 17 de julho de 2021.

⁵“Corrido são perguntas e respostas da música, cantorias mais rápidas [...] versos curtos e que proporcionam uma empolgação de ritmo.” (Da Silva, 2018, p. 29)

⁶“Ladainha é uma história cantada, um aviso, uma mensagem, etc., que conseqüentemente inicia com um Iê, grito que simboliza um pedido de atenção, finalizando com uma louvação, ou seja, um agradecimento; exaltação naquilo que acredita.” (DA SILVA, 2018, p. 28)

Ao falar de musicalidade na capoeira, evidentemente estamos falando de oralidade, e é através da oralidade que temos conhecimento sobre nossa ancestralidade. Temos a possibilidade de conhecimento sobre a vida dos que vieram antes de nós, dos que fizeram a travessia sob o Atlântico.

Ressalto que, neste evento, eu estive acompanhada das manas do Malungo. “Manas” é um termo utilizado pelas mulheres do Coletivo do Malungo para se referir umas às outras, à treinela Lira, monitora Keké, e às aprendizes Paula e Sue. Além de eu estar presente como Malunga, estive também como pesquisadora em campo, observando o evento através da prática da etnografia, um campo da antropologia que nos permite, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, de estar em campo coletando dados.

Todas essas vivências foram essenciais e carregadas de aprendizado para a minha formação, para as futuras ações do projeto, bem como para ministrar oficinas sobre capoeira angola. Conhecer os toques dos instrumentos, a organização dos instrumentos e movimentações são fundamentais. Além do mais, as histórias e culturas africanas estão enraizadas em cada elemento da capoeira, desde a movimentação, a musicalidade, a ancestralidade, a oralidade e afins. Podemos observar as histórias da ginga e do berimbau que estão associadas também à simbologia feminina.

A capoeira está ligada à simbologia feminina, a exemplo, temos a Ginga, que vem do nome de uma mulher, Rainha Nzinga Mbandi Ngola, de Angola e Matamba (FONSECA, 2018), a lenda do berimbau “sobre as “[...] aventuras de uma menina que, tendo desaparecido após a ação de um “homem mau”, teve o seu corpo transformado no berimbau” (ARAÚJO, 2016, p.87 apud, BARBOSA, 2017, p.131).

No decorrer da pesquisa, outras atividades foram realizadas, tais como leituras pertinentes ao debate proposto na temática, utilizando autores como bell hooks (2020), Michelle Perrot (2019), Adichie (2016), entre outras, para trabalhar nas articulações sobre as discussões em torno do feminismo. Para tratar as abordagens relacionadas à capoeira e ao gênero, utilizo autores como Leal (2008), Oliveira e Leal (2009), Camões (2018), Araújo (2004), (2016) entre outras que são essenciais pra a construção argumentativa deste trabalho.

Ressalto ainda a participação em entrevistas, evento e disciplinas referentes aos estudos africanos como ouvinte e monitora. As entrevistas foram realizadas para dois grupos relacionados ao meu trabalho; o primeiro está ligado diretamente com os estudos de gênero e capoeira, com o grupo do Bando da Brava, que iniciou um programa no canal do Malungo Centro de Capoeira angola, no *YouTube*, intitulado de “A voz das Bravas”, e tem como objetivo ouvir as histórias de vida das bravas do coletivo, em um diálogo enriquecedor entre a entrevistada, a entrevistadora e os ouvintes. Inclusive, estive no papel de entrevistadora no diálogo com a monitora Dadá, que é uma mulher angoleira, feminista e brava. A entrevista pode ser acompanhada através do link de acesso: <<https://www.youtube.com/watch?v=1xZBn1q8yvc&t=30s>>.

No que diz respeito às entrevistas do segundo grupo, está relacionada ao grupo de pesquisa do qual faço parte e é coordenado pelo Prof. Augusto Leal, o História em Campo (GHISCAM). As entrevistas são ações relacionadas ao **I Seminário Gênero, África e Diáspora: Intersecções e subjetividades em História e Educação**, que foi realizado pelo grupo de pesquisa citado acima. Atuo como colaboradora técnica na administração das *lives*, juntamente com a professora Daélem Rodrigues. As entrevistas e demais conteúdos do grupo podem ser acessados através do link: <https://www.youtube.com/channel/UCR_Eoh5fNLVJbXsiEi9TRGQ>.

Acrescento ainda a participação na disciplina de mestrado, onde estive participando como ouvinte, sendo ela *História da África e as influências Banto no Brasil*, do Programa de Pós- Graduação

em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFGA/CAMETÁ), ministrada pelo Professor Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal, no período de 04 a 25 de junho de 2021, através da plataforma *Google Meet*, que contou com a monitoria da Professora Daélem Rodrigues. Esta foi de grande valia para minha formação; os debates realizados me proporcionaram conhecimento sobre as histórias africanas e as influências de origem Banto no Brasil, tal como a capoeira, o carimbó, etc.

Na ocasião, estive atuando como monitora na disciplina de História da África, ministrada pelo prof. Augusto Leal na turma de graduação do Campus de Bragança, que ocorreu de forma online através da plataforma *Google Meet*. Estive acompanhada pela professora Yasmin Amaral, que esteve como monitora também. Ressalto que esta disciplina foi aberta à comunidade de professores da cidade de Augusto Correa, estudantes de Belém e Portel. As discussões geradas nesta disciplina foram importantes para minha formação enquanto monitora (apesar de ter tido algumas dificuldades com a conexão que atrapalhou no meu desenvolvimento enquanto monitora), bolsista e estudante, uma vez que a disciplina permeou por questões que proporcionaram desconstruções em torno do ensino de História da África, das culturas e sociedades africanas.

Ainda estive participando do “Webnário - Os Desafios de Pesquisa em História na Amazônia,” que foi realizado entre os dias 08 e 10 de junho de 2021, na 5ª Semana Nacional do Arquivo, realizado pela Faculdade de História do Campus de Bragança/PA. O evento deu oportunidade aos professores, alunos, ex-alunos e à comunidade acadêmica de modo geral, de apresentar seus trabalhos de pesquisa, sejam elas finalizadas ou em andamento.

No dia 10 de junho de 2021, o Grupo de Pesquisa História em Campo se fez presente nas apresentações de seus trabalhos – destaco aqui o Simpósio Temático 3: Gênero, Cultura e Identidade, onde, pela primeira vez, o trabalho que ainda está sendo executado, “O feminino e a capoeira: questões de gênero no ensino de histórias e culturas africanas em espaços de saber”, foi apresentado à comunidade acadêmica, e junto aos colegas de pesquisas, a Prof.^a Daélem Rodrigues e o graduando Wesley Rodrigues.

Em minha apresentação, expus as abordagens principais do projeto, passando pelo ensino de histórias e culturas africanas através dos elementos da capoeira angola. Após minha fala sobre a prática de ensino de histórias e culturas africanas, dei continuidade falando sobre a mulher no espaço da capoeira, e como elas eram vistas pela sociedade ao longo do século XIX e como são vistas atualmente, como o corpo da mulher é objetificado e sexualizado ainda no mundo da capoeira e como as mulheres resistem ao machismo e sexismo e persistem para continuar na capoeira.

Em uma exposição breve, é possível perceber o quanto os estudos de gênero têm se tornado importantes para a construção da problemática das experiências femininas na capoeira, uma vez que, como argumenta Camões (2019), “têm nos levado a perceber a necessidade de desconstrução dos discursos machistas e sexistas. Uma vez que as mulheres que frequentam os espaços de capoeira são fortemente estigmatizadas” (CAMÕES, 2019, p. 18).

O evento foi um tanto importante para conhecer as mais diversas pesquisas no campo da História que estão vinculadas à Faculdade de História - Campus Bragança. Também possibilitou a experiência e a oportunidade de expor nossas pesquisas e disseminar conhecimento para a comunidade, principalmente por conta das poucas pesquisas em torno dos estudos africanos e suas culturas, no campus de Bragança. A pouca produção é reflexo da ocidentalização do desenho curricular do curso de História. As disciplinas que abordam as histórias e culturas

africanas estão no final do curso, onde a maioria dos alunos já está com as suas pesquisas encaminhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, o plano de trabalho “O feminino e a capoeira: questões de gênero no ensino de histórias e culturas africanas em espaços de saber”, que deu base para a elaboração deste artigo, se apresenta de forma pertinente às atividades realizadas até o momento.

Os principais resultados obtidos até o presente momento estão em consonância por terem as mulheres capoeiras à frente da organização de eventos que estão buscando dar cada vez mais visibilidade para as mulheres nesses espaços que ainda são considerados do universo masculino.

Todos os diálogos que foram realizados nos eventos contribuíram e contribuem para a propagação de informações e conhecimento das comunidades participantes, que estiveram envolvidas. Além do mais, foram essenciais para a abertura de discussões sobre as práticas machistas e sexistas que adentram no universo da capoeira, bem como foi dito pela treinelá Lira em um de seus diálogos, que o machismo não está dentro da capoeira, mas sim vem para a capoeira por influências externas.

Estas ações são importantes para o meu amadurecimento enquanto mulher negra, aprendiz de capoeira angola e pesquisadora sobre os estudos de gênero e capoeira. E são ações essenciais para obtenção de dados para o enriquecimento dessa pesquisa que está em andamento.

No mais, podemos perceber que as mulheres estão ganhando lugar nos diálogos e na organização de eventos para discutir sobre a presença feminina nos espaços considerados do universo masculino e trazer para discussão temas que são tabus para a sociedade, como falar de racismo, sexualidade e do corpo feminino.

É importante ressaltar que as atividades previstas para execução deste trabalho foram pensadas de acordo com as necessidades de prevenção à Covid-19, que no início de vigência da pesquisa estava em estado crítico ainda. No entanto, com o avanço da vacinação, o vírus está sendo controlado e isso nos permitirá pensar em ações futuras em conjunto com as comunidades escolares e tradicionais para que, assim, os objetivos deste trabalho sejam atingidos.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

ADICHIE. Chimamanda Ngozi. *Sejam todas feministas*. Tradução: Christina Baum.

- ARAÚJO, Rosângela Costa. *Elas Gingam!.* *CLAS Discussion, Japão*, n. 64, p. 85-93, mar. 2016.
- ARAÚJO, Rosângela Costa. *Iê, viva meu mestre: A Capoeira Angola da 'escola pastiana' como práxis educativa.* 2004. 236 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BARBOSA, Viviane Malheiro. *Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre* / Viviane Malheiro Barbosa, 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.
- CAMÕES, S. Luciane. *Elas Jogam, tocam e cantam: práticas e discursos sobre a experiência histórica de mulheres capoeiristas no Pará.* Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação Em Estudos Antrópicos na Amazônia-PPGEAA, Universidade Federal de Castanhal, Pará, 2019.
- DA SILVA, SANDRA MARIA. *Musicalidade na capoeira: uma construção oral através da musicalidade da capoeira.* 2018. 41. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em História)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.
- DOS SANTOS, D. A; MACHADO, P. de Freitas. A capoeira como prática educativa transformadora: jogando no ambiente escolar. *VI Congresso Nacional de Educação*, 6., 2019, Fortaleza- CE. (ANAIS).
- FERREIRA, José Tarcísio. *A Capoeira Sobre ótica de Gênero: o papel das mulheres nos grupos de capoeira.* Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO p. 133. 2016.
- FONSECA, Mariana Bracks. *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora.* 2018. 340 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- HOOKS, bell. *O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras*; tradução Bhuvi Libanio. - 14ª ed. – Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1988-1906)*/ Luiz Augusto Pinheiro Leal. – Salvador: EDUFBA, 2008.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto P. Capoeira. *Identidade e Gênero: Ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil.* Salvador: EDUFBA, 2009.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*; [tradução Angela M. S. Côrrea]. - 2. ed. 6ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2019.
- PERROT, Michelle. *Os excluído da história: operários, mulheres e prisioneiros.* Tradução, Denise Bottmann 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- REVISTA PORTO DAS LETRAS. Vol. 07, n. 01, p. 34-49. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11337/18337>>. Acesso em: 30 out. 2021.
- SANTOS, Francineide Marques da Conceição. O feminismo que ginga: mulheres capoeiristas angolanas em salvador dos anos 80. *Anais XI CONAGES...* Campina Grande: Realize Editora, 2015.
- SILVA, Maria Sandra da. *Musicalidade na capoeira: uma construção oral através da musicalidade da capoeira* / Maria Sandra da Silva. – 2018.



Referências eletrônicas

<https://www.bing.com/search?q=o+que+%C3%A9+a+lei+aldir+blanc+para&cid=927e1e7639cd46bda59ad5ce1fb3d613&aqs=edge.2.69i59i450l9.317000567j0j1&FORM=ANS-PA1&PC=NMTS#>

<https://www.youtube.com/watch?v=1xZBn1q8yvc&t=30s>

https://www.youtube.com/channel/UCR_Eoh5fNLVJbXsiEi9TRGQ

